

Resenha

CORRÊA, MANOEL LUIZ GONÇALVES. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 309 p.

Resenhado por Rute I. S. CONCEIÇÃO (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Universidade de São Paulo)

Os estudos sobre letramento já mostraram que é bastante limitada a visão autonomista que perpetuou durante muitos anos a concepção de que a aquisição de uma tecnologia escrita teria conseqüências predefinidas, distinguindo indivíduos e sociedades avançadas, modernas e desenvolvidas das subdesenvolvidas e atrasadas. Hoje, embora os pesquisadores trabalhem com a noção de letramento numa perspectiva ideológica e, portanto, mais ampla e complexa, em cujo conceito está implícita a noção de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e lingüísticas, tanto para o indivíduo como para o grupo social que aprenda a usá-la, há que se ressaltar, no entanto, que as pesquisas partem, geralmente, de uma visão grafocêntrica. Tal procedimento dificulta a superação da contestada dicotomia entre fala x escrita, em que esta reina sobre aquela por ser entendida como *fixável no espaço, flexível em relação ao objeto que apreende e invariante no tempo* (Corrêa, 2004, p.12).

RESENHAS

É nesse contexto dos estudos do letramento que discute as relações entre fala x escrita que situamos as contribuições trazidas pela obra resenhada, visto que ela postula a *constituição heterogênea da escrita como o encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido*. O autor não nega o impacto social da escrita na sociedade, mas apresenta um caminho para se olhar para a relação oral/escrito sem que seja preciso colocá-los em oposição como simples opções, mostrando que ocorrem num processo rico e profundo de interação. Nessa perspectiva, o autor propõe que oralidade e letramento sejam vistos como práticas sociais intimamente relacionadas, em que o escrevente está sujeito a flutuações que se explicam pelo fato de que ele trabalha com o modo heterogêneo de constituição da escrita, circulando tanto no campo do oral/falado como no campo do letrado/escrito, evidenciando em suas produções discursivas marcas de ambos os campos.

É assim que, em quatro capítulos: 1. *Como apreender o imaginário sobre a escrita: três eixos de representação*; 2. *o escrevente e a representação da gênese da escrita*; 3. *o escrevente e a representação do código escrito institucionalizado* e 4. *o escrevente e a dialogia com o já falado/escrito*, o autor defende sua tese sobre o modo heterogêneo de constituição da escrita. Percorrendo esses caminhos para comprovar essa tese, a obra procura desvendar as representações que o escrevente faz da relação entre oralidade e escrita, a partir da observação da intervenção do escrevente (com elevado nível de escolarização: vestibulandos), através de fatos lingüísticos que denunciam a relação sujeito/linguagem, na língua escrita.

Pode-se dizer que, com essa tese da heterogeneidade constitutiva da escrita, sustentada no caráter fundamental do

dialogismo na utilização da linguagem em geral, o pesquisador encontrou um caminho que permite desfazer o equívoco da dicotomia fala x escrita, visto que mostra que uma é constitutiva da outra. Essa explicitação pode ser considerada uma das maiores contribuições que essa obra traz para os estudos da linguagem, posto que aponta para o fato de que a dicotomia só é mantida porque se olha para as práticas escritas, não como um *uso da linguagem*, mas como um *uso do sistema lingüístico* “puro”, como se a escrita, especialmente em sua variedade prestigiada, que é a codificada, precedesse a prática oral. Assim, o estudo da obra permite compreender que a dicotomia só se desfaz quando se olha tanto para o texto escrito quanto para o texto oral, pressupondo-se que um é constitutivo do outro, de maneira que a presença mais intensa ou mais contida de marcas do oral ou do escrito num texto está relacionada ao gênero e não a uma pretensa “pureza” do sistema lingüístico codificado.

Essa visão, se bem aproveitada, pode contribuir para avanços no âmbito das práticas pedagógicas de ensino/aprendizagem da língua escrita na escola, especialmente no que se refere ao ensino da produção textual, visto que fundamenta e explicita um outro modo de olhar para escrita escolar que possibilita um afastamento da excessiva regulamentação normativa que está sempre com um dedo apontado para o chamado “erro” do aluno, sem que se caia no outro extremo.

A fundamentação teórica aludida parece desnudar certos segredos da escrita ao mostrar a íntima relação entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito que permitem compreender que escrever implica em retomar, não só os textos já escritos/lidos, mas também os já falados/ouvidos. Seguindo esse raciocínio, provavelmente, essa visão centrada na interação das práticas, trazida pela obra, ajudaria a minimizar o desconforto que

RESENHAS

a prática pedagógica de ensino de produção textual sofre ao deparar-se com os inúmeros problemas que aparecem nos textos dos alunos. Esses problemas, se olhados sob o enfoque proposto, revelar-se-iam como pistas que denunciariam “sobras” ou “lacunas” relacionadas a práticas do falado/escrito, vivenciadas ou não pelo sujeito da linguagem, que se tornam evidentes durante o exercício da produção textual.

Apontaríamos como uma limitação da obra o fato de que o autor parece contar com um leitor já bem iniciado nos estudos do letramento, caso contrário este terá dificuldades para compreender a inter-relação entre as diferentes práticas sociais conforme proposto na obra.

Endereço para correspondência:

Rute Izabel Simões CONCEIÇÃO
Rua Corinto, 543, Ap.75 B.
Residencial Paço das Universidades
Bairro Butrantã/Vila Indiana
05586-060 – São Paulo, SP.
E-mail: rute_@terra.com.br